

Que é Igreja?

Reminiscências - observações - perspectivas

Wilfrid Buchweitz

I. O aspecto, sob o qual abordo o tema, é o da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil dos últimos anos e decênios, o período em que eu mesmo tive oportunidade de nela viver e observá-la.

Uma das recordações mais nítidas que se grava na minha memória, no que toca à Igreja é que logo após ter concluído o primeiro ano primário a escola foi fechada e passei um ano sem aula. A escola funcionava no prédio da igreja, as aulas eram dadas pelo pastor e sua esposa, os quais eram alemães; a língua usada era a alemã. (Permitam-me abrir um parênteses: dezenas de comunidades evangélicas da época eram mantenedoras de escolas e em muitas delas os pastores eram professores, como parte normal de suas atividades. Estavam presentes naquela época, duas coisas que hoje novamente mencionamos entre os alvos da igreja: a preocupação pelo homem todo – escolas primárias, escola e cursos agrícolas, hospitais mantidos e promovidos pelas comunidades - e pastores com tempo parcial na comunidade). Algum tempo depois a língua alemã foi proibida também nas atividades da igreja. Os pastores tiveram que falar português de uma hora para outra, sem que o soubessem bem, sem material escrito adequado, sem que a comunidade entendesse a pregação.

Com isso quero apontar para uma das características dos últimos anos na história da Igreja: as mudanças, às vezes bruscas, às vezes profundas. No caso, foi a língua. Gostaria de citar mais algumas coisas:

Logo em seguida veio a migração da colônia para a cidade. A saída de um ambiente, de um mundo com características de um tipo, para um outro ambiente, com características totalmente diferentes. Adicione-se a mudança de profissão, pois os que foram para a cidade tiveram que mudar de profissão.

Dos que ficaram na colônia muitos tiveram que mudar de cultura nos últimos anos. De um tipo de plantação tiveram que passar para outro tipo, da policultura passaram para a monocultura.

Em matéria de economia a situação melhorou para um número considerável dos membros da IECLB. Para muitos outros, no entanto, a situação se agravou. Nem uma, nem outra tendência, no entanto, a meu

ver nos dá direito a falarmos na IECLB como uma Igreja de ricos ou Igreja de pobres. O número de pessoas com grandes posses econômicas não é muito elevado e a presença deles nos presbitérios e outras atividades da Igreja é menor ainda. Na maioria dos casos os ricos são tão auto-suficientes e estão tão ocupados consigo mesmos que não sobra lugar para a igreja. Certamente, mesmo assim eles detêm poder e influência desproporcionais e injustificáveis. Mas falar em IECLB como igreja de ricos não é realista. Também não é realista falar em IECLB como igreja de pobres. O número daqueles membros na IECLB que estão subnutridos, que não têm roupa para vestir, que não têm onde morar, que não podem ir à escola, não é baixo, mas não dá razão para se falar em igreja de pobres. É claro que não podemos nos contentar com as constatações acima: IECLB não é uma Igreja de ricos nem uma Igreja de pobres, por isso poderíamos estar mais ou menos tranquilos. Mas a nossa preocupação pode e deve ser mais ampla, ainda mais que afirmações do tipo acima são muito carregadas e pesadas.

Quero mencionar mais algumas mudanças de peso na IECLB dos últimos anos. Passamos de uma situação onde havia quase exclusivamente pastores alemães e alguns poucos pastores brasileiros formados na Alemanha para uma situação onde mais ou menos quatro quintos dos pastores são nascidos e formados no Brasil e entre os colegas provenientes de igrejas irmãs de outros países há alemães, americanos, holandeses, japoneses, noruegueses.

A IECLB era uma igreja que por preocupação com sua própria sobrevivência teve que estar voltada para dentro, para si mesma ou que ao menos não se questionou e não foi questionada muito quando assim fazia, e que bastante repentinamente se vê diante de toda uma realidade brasileira com problemática e dimensões imensas.

Uma igreja com a grande maioria de seu peso e suas comunidades nos estados do sul do país e Espírito Santo penetra mais e mais no centro e norte do país através de consideráveis correntes migratórias e subseqüente fundação de comunidades, até o território de Roraima, no extremo norte do Brasil.

As comunidades da IECLB estavam em meio a uma igreja católica poderosa e pressionante que não deixava de proclamar e muitas vezes viver a máxima da única igreja verdadeira, uma igreja adversária e às vezes inimiga, contra a qual os evangélicos perderam muitas batalhas. Quase que de um momento para outro essa igreja não quer ser inimiga, mas aliada numa causa e se torna modelo em algumas oportunidades.

Ao mesmo tempo ocorre uma transformação no país todo. A ênfase numa era de industrialização faz com que milhares de pessoas acorram às cidades, atrás da promessa de trabalho mais fácil, melhores

salários, atendimento médico e educação para os filhos. As cidades crescem, incham, a zona rural se esvazia. Uma realidade brasileira dá lugar à outra.

Dentro e fora do país investe-se enormemente nos meios de comunicação. Constroem-se estradas, rádio e televisão vão a todos os recantos. Abrem-se linhas de ônibus. Mesmo quem há algum tempo, vivia totalmente isolado do resto do mundo é envolvido hoje pelos acontecimentos em qualquer parte deste globo.

É preciso convir que todos estes impactos somados, acontecidos num período de tempo bastante curto, sobre o homem e as comunidades evangélicas, são capazes de provocar perplexidade. Que é que está acontecendo? Onde estamos? Quem somos? Registra-se a falta de identidade de que muitas vezes falamos nos últimos anos. Tantas vezes o termo falta de identidade foi e é mencionado que ele por vezes provoca irritação. Sem dúvida a falta da identidade tem também algo de culposos: a omissão de assumirmos a identidade responsável. Mas ao mesmo tempo o problema tem aspectos normais. Quando sobre uma pessoa ou uma entidade há tantos impactos fortes em questão de pouco tempo, ela é afetada e precisa de tempo para saber o que está acontecendo e como as coisas vão continuar.

Por muito tempo, enquanto a situação ao redor e dentro das comunidades foi mudando, a própria Igreja não mudou na sua maneira de trabalhar e ser. Por muito tempo a quase totalidade dos serviços prestados pela Igreja o foram nos moldes e estilo de sempre, cultos e ofícios ocupando isoladamente o centro das atenções. Sabemos que um dos argumentos era que numa época em que tudo muda a gente queria que ao menos a igreja permanecesse estável. Outro argumento apresentado era que a Palavra de Deus é sempre a mesma; os tempos podem mudar, ela não muda. A orientação a partir da tradição, Bíblia, teologia, história da Igreja era fator de muito peso e foi usada para que a igreja continuasse o seu caminho com um sentimento de segurança bastante grande, ao menos por um tempo considerável.

À medida que o tempo passou, a igreja foi perdendo de importância, a frequência aos cultos diminuiu, também a frequência à Santa Ceia, a consciência evangélica foi diminuindo entre os membros das comunidades, a vivência evangélica decaindo, a insatisfação com a igreja crescendo. Algo estava mal, mas o quê?

Aos poucos descobriu-se, ou redescobriu-se, que a situação, o contexto, também é importante para uma igreja. Cada situação diferente requer uma maneira diferente de ser igreja.

Este é o ponto em que, em larga escala, a IECLB se encontra, igreja entre a tradição e uma nova situação. A tradição contém valores importantes e que podem ser valiosos para uma igreja no futuro. Mas

também contém coisas que barram, que são peso morto e que impedem o desenvolvimento de uma nova igreja. Uma nova igreja abre novas possibilidades, nova liberdade, mas também traz consigo muitas incógnitas, perigos e insegurança.

Para nós a passagem para uma nova etapa da IECLB está trazendo conflitos dolorosos nos últimos anos e ainda vai trazer em anos futuros. Não é fácil achar caminhos numa situação tão complexa.

Na situação complexa em que se encontra, a Igreja ficou insegura. Fazer o quê? Seguir por onde? As perguntas, as dúvidas, a demora e dificuldade de se acharem novos caminhos e se verem resultados concretos gera um estado emocional muito tenso. Talvez uma das maiores dificuldades, de momento, na Igreja seja o estado emocional. Há muita agressão. Muita intolerância e impaciência. Até certo ponto isso é natural, porque há razões para isso, o homem se torna agressivo, intolerante, impaciente numa situação em que não sabe como prosseguir caminho. Há dessas situações na Igreja. Há trechos de caminho pelo deserto. Há situações em que a falta de olhos nítidos, a falta de força ou a negação do Senhor da Igreja trazem situações de sofrimento.

Como podemos progredir? Como podemos continuar?

Sob essa perspectiva quero relacionar aqui algumas coisas que vejo acontecendo na IECLB do momento. Não quero que o que segue seja colocado sob a perspectiva: nem tudo está mal na IECLB, também existem algumas coisas boas. Gostaria que a perspectiva fosse esta: encontramos-nos numa encruzilhada, estamos confusos, onde é que o caminho continua?

II. Neste sentido quero citar alguns exemplos de tentativas de ser Igreja numa nova situação e que estão ocorrendo atualmente na IECLB.

Começemos pelo "norte" do IECLB:

1) No Distrito Eclesiástico Norte do Espírito Santo há três iniciativas que são tentativas de superar a comunidade de atendimento, em direção a uma comunidade participatória. Uma acontece na paróquia de Baixo Guandu que organizou setores de mais ou menos 20 famílias, uma espécie de comunidades de vizinhança. O pastor visita setor por setor e aborda nessa comunidade de vizinhos um assunto do dia-a-dia daquelas pessoas, sempre à luz de textos bíblicos, questões de saúde, higiene e outros. As reuniões são intermeadas de canções e orações. O alvo é que membros da comunidade assumam participação crescente nas reuniões.

Em Vila Valério, no mesmo distrito, há alguns anos começou uma

iniciativa em refletir sobre o dinheiro na vida do cristão, dinheiro a ser gasto no trabalho da Igreja, como contribuição para a IECLB e a própria comunidade. Quando ouvi pela última vez sobre a experiência tinha havido progressos consideráveis na direção de membros das comunidades não precisarem mais que a diretoria fixasse para eles a contribuição, mas eles próprios adquirirem liberdade de dispor de quantias bem mais substanciais para favorecer a outros em condições financeiras mais difíceis.

Por fim o terceiro exemplo daquele distrito é que uma vez por ano todos os pastores vão para uma paróquia do distrito durante uma semana inteira. Elaboram um programa em conjunto para aquela paróquia e durante uma parte do dia se espalham e realizam trabalhos previamente planejados, geralmente levando em consideração os dons de cada um. Noutra parte do dia o grupo estuda em conjunto e dialoga, durante as refeições e horas intermediárias convivem e confraternizam.

2) No meio das montanhas do **Distrito Eclesiástico Sul do Espírito Santo** estão as paróquias São João do Garrafão, Jatibocas e Santa Maria do Jetibá. A participação nos cultos naquelas comunidades é muito elevada. Mas o dia-a-dia dos moradores é árduo e penoso. As estradas são ruins, muitas vezes intransitáveis nos períodos de chuva, as escolas permanecem fechadas durante meses por falta de professores, o serviço de saúde só pode ser obtido mediante grandes sacrifícios. O comércio da região está em mãos de algumas pessoas que exploram a situação. Antes das eleições se fazem promessas que depois não são cumpridas. O povo se acostumou à situação e assiste a tudo com grande passividade.

Os pastores daquelas paróquias chegaram à conclusão de que não poderiam se satisfazer com os cultos bem freqüentados, ainda mais que destes cultos parecia não resultar força para o dia-a-dia das pessoas. Resolveram unir suas forças. Uma vez para serem mais fortes quando surgissem os reveses que sabiam que viriam, outra vez para em conjunto refletirem, analisarem os caminhos e corrigirem as falhas. Combinaram que cada pastor continuaria na sua paróquia o trabalho tradicional para não tirar das comunidades coisas que lhes eram conhecidas e caras. Ao lado disso, iniciaram trabalhos e reflexões em grupos. Fizeram mutirões na construção de estradas e plantação de café. Acontece reflexão regular sobre a vida do dia-a-dia frente ao evangelho em diversos grupos nas três paróquias. Requerimentos a órgãos públicos são debatidos e resolvidos em conjunto. Os pastores procuram se encontrar regularmente, analisar as coisas em conjunto, apesar das consideráveis barreiras, cada um mora de 20 a 30 km do outro, com montanhas e vales, estradas ruins, além do trabalho tradicional, cujos cultos e ofícios exigem muita energia. Ademais, os

pastores são personalidades bastante diferentes, o que provoca tensões no próprio grupo. Mas eles sabem disso, o aceitam e a consciência da tarefa a cumprir os ajuda a superar as barreiras. Na busca por novos caminhos na IECLB este trabalho merece ser observado, apoiado, analisado. É uma das tentativas muito sérias de evoluir de uma comunidade de atendimento para uma comunidade de vida no dia-a-dia à base do evangelho de Jesus Cristo.

3) O Distrito Eclesiástico Uruguai na RE III passou pela experiência do PIAI (Plano Integrado de Ação Inter-paroquial) há alguns anos e os pastores do distrito elaboraram naquela época o material para ensino confirmatório Estrada da Vida que ainda hoje é usado em muitos grupos de ensino confirmatório da IECLB. Há alguns anos o Estrada da Vida foi um grande progresso em comparação com o Livro de Doutrina em uso nas comunidades. Hoje os pastores do Distrito Uruguai são outros, ao menos a maioria, mas parece que uma boa tradição ficou: o distrito continua elaborando material para suas comunidades. Elabora novo material para o ensino confirmatório e elabora cadernos para cultos de leitura para os leigos. O material contém considerações exegéticas sobre o texto da prédica, uma liturgia em linguagem bem simples e adequada à situação das pessoas no distrito e uma prédica que tenta colocar o texto na situação e mentalidade do povo da região ou parte da situação da região, apontando para o texto.

4) No Distrito Eclesiástico Oeste do Paraná várias comunidades da IECLB estão localizadas na área que nos próximos anos será coberta pelas águas da barragem de Itaipu. Ao todo 8.000 famílias perderão suas terras na região, num total de 35.000 a 40.000 pessoas. Entre essas se encontram umas 400 famílias evangélicas. O Departamento de Migração da IECLB através do pastor responsável, com o pastor que desde o ano passado está liberado pela IECLB para a Pastoral da Terra, fez uma sondagem junto a membros das comunidades naquela área, perguntando para onde gostariam de ir, e quase a totalidade dos moradores manifestou desejo de ficar no Oeste do Paraná. A partir disso, a igreja católica e a IECLB decidiram apoiar o Movimento Pastoral da Terra e este vai pleitear junto ao INCRA, que ele desaproprie no Oeste do Paraná, áreas que não estão sendo usadas produtivamente. O plano é que essas terras sejam destinadas para os agricultores que serão desalojados por Itaipu. Os agricultores dizem: "não queremos dinheiro, queremos terra". Com dinheiro talvez não conseguiriam terra tão boa como no Oeste do Paraná, ou conseguiriam em lugares onde não há estradas e outra infra-estrutura. O Distrito Oeste do Paraná vai se envolver no projeto, numa tentativa de ser igreja para o homem todo, de ser igreja ali onde no momento as necessidades são maiores.

5) Em fevereiro participei em Linha Brasil de uma reunião denominada **Encontrão 78**. O Encontrão já se tornou tradicional nos últimos anos. Ele é um encontro de um grupo de pastores e membros de comunidades da IECLB que se reúnem nos dias de carnaval para um retiro, reflexão, estudo, convívio. No Encontrão deste ano havia umas 350 pessoas, inclusive 30 pastores. É um grupo que trabalha e ora para superar a comunidade de atendimento na IECLB em direção a uma comunidade que a partir do evangelho esteja disposta a viver a sua fé no dia-a-dia de sua vida. Uma das grandes dificuldades na preparação da reunião de Linha Brasil foi a limitação do número de pessoas. Com facilidade teriam vindo algumas centenas de pessoas a mais caso tivesse havido espaço. Num ambiente animado e descontraído trabalharam, conviveram ali durante três dias pessoas de todas as idades, profissões e grupos sociais. Os pastores que tem participação especial nesse movimento reúnem-se regularmente para uma reflexão constante sobre o lugar onde se encontram. Conheço o movimento há anos e constato sempre de novo a preocupação de progredir, de caminhar, de não ficar parado.

6) Lembro-me de alguns dos últimos estágios e quero me referir especialmente ao estágio de nosso estudante de teologia em Osasco, São Paulo. Está ali num bairro operário de Osasco. O terreno é acidentado, as ruas de terra batida, tortuosas, algumas casas simples, outros casebres, alguns barracos nas encostas dos morros. Moram ali famílias com muitos filhos; vêm do interior de São Paulo, do interior de Minas, da Bahia, do Nordeste. Trabalham em Osasco ou São Paulo, alguns saem de manhã às 5 e voltam à noite às 9 horas. No meio desse bairro um padre conseguiu construir em regime de mutirão duas pequenas construções de um misto de tijolos furados e blocos de cimento. Num prédio, uma peça é a cozinha, sala de refeições, quarto de dormir e quarto de estudo do padre; suas dimensões são de 3 x 3,5 metros, mais ou menos. Outra peça, um pouco maior, é sala de estar, sala de reuniões e capela. Numa outra construção há duas peças, uma onde moram o estagiário e um outro jovem. O estagiário trabalha de dia numa fábrica e de noite e nos fins de semana se reúne num grupo de estudos de algumas pessoas, participando de um ou outro programa da paróquia. É um trabalho quantitativamente bem modesto, difícil de compreender nas dimensões da IECLB onde é raro encontrar uma paróquia com menos de 1000 pessoas, e nós nos habituamos a pensar nesses termos. Qualitativamente, porém, o trabalho é de um valor imenso. Trata-se de uma tentativa de encarnação de amor de Deus naquele mundo, é esvaziamento, é kénosis do tipo que não acontece com muita freqüência. Nesse sentido, essa experiência é muito importante para a IECLB.

7) Há três anos mais ou menos a Região Eclesiástica IV instalou um setor de trabalho chamado **Departamento de Promoção Comunitária**, sob a orientação de um pastor. Visa-se promover comunidade e facilitar que esta, por sua vez, promova comunhão. O pastor está no Departamento com tempo integral para essa finalidade. No primeiro ano fez a maioria das reuniões em Gramado, no Lar da Juventude, com pastores, presbíteros, líderes de comunidade, casais evangélicos. No segundo e terceiro anos transferiu parte das reuniões para os distritos, e os próprios distritos participaram da responsabilidade pela programação e execução das tarefas. Agora, no quarto ano, ele desafiou alguns leigos a planejarem e executarem eles mesmos seminários distritais para leigos e, até agora, ao menos em um distrito o desafio foi aceito e um seminário de presbíteros foi realizado com real proveito.

8) A **Comunidade Evangélica de Novo Hamburgo** introduziu há algum tempo um programa chamado de "Encontro de Vizinhos Evangélicos". No ano passado antes do Natal e este ano antes da Páscoa programou um encontro de membros da comunidade em casas, em grupos de mais ou menos 15 famílias. Todos os membros da comunidade foram convidados para essas reuniões. Os temas abordados foram o significado de Natal e Páscoa para a nossa situação. Nas duas vezes aconteceram reuniões em 180 casas da comunidade, quase todas elas lideradas por membros não pastores, as 180 reuniões num espaço de mais ou menos uma semana.

9) Minha impressão é que **estudantes desta Faculdade** quando vão ao estágio ou ao trabalho de férias têm, de maneira crescente, olhos e ouvidos abertos para as pessoas. Acho que isso ocorre também aqui dentro da própria casa. Mas quando saem, parece que o percebo com maior nitidez. Não os programas, tarefas, atividades em primeiro plano, mas as pessoas e a situação em que se encontram e a preocupação de levar isso em conta na programação das atividades.

10) Nos últimos anos aumentou rapidamente o número daquelas **comunidades** onde por ocasião de cada batismo acontece uma reflexão com pais, padrinhos e às vezes com a própria comunidade. Aumentam os esforços e procura-se achar formas adequadas para tornar o ensino confirmatório mais significativo. Cursos e palestras para noivos fazem parte obrigatória de bênçãos matrimoniais. Em mais e mais comunidades só se inscrevem membros novos, também provenientes de outras comunidades da IECLB, após um diálogo, após informações sobre a comunidade e as implicações conseqüentes. Há uma preocupação, crescente pelo trabalho em grupos. São trabalhos que momentaneamente não têm impacto muito grande, mas que vão na direção de uma

comunidade participativa e que por isso podem ser sementes que trarão seus frutos no futuro.

11) O programa de *mordomia* desenvolvido há alguns anos pela Igreja e infelizmente deixado de lado a nível de Igreja algum tempo depois, mesmo assim trouxe frutos em algumas comunidades. Houve-os na direção de uma maior disposição no uso possível e responsável de tempo e talentos por parte de membros de comunidades. Mas quero destacar aqui especialmente um desenvolvimento no uso responsável de bens e finanças. A partir do programa de mordomia, algumas comunidades ganharam e ainda têm maior liberdade na administração de suas finanças. Num momento onde se externam queixas de que membros de poucos recursos têm que pagar altas contribuições à igreja, há comunidades - não são muitas, mas elas existem e mostram que a praxe é possível, em que cada membro fixa o montante de sua contribuição de acordo com suas possibilidades e disposição.

III - Haveria outros exemplos mais. Talvez até mais valiosos e autênticos do que alguns dos citados. Não é minha intenção - e isso não seria possível -, citar e avaliar todas as iniciativas sérias de fazer da IECLB um instrumento a serviço do amor de Jesus Cristo encarnado em nosso mundo e época. Quero dizer que vejo coisas acontecendo em meio à nossa crise, insegurança, impaciência, intolerância, em meio também à nossa omissão, acomodação e desobediência ao evangelho de Jesus Cristo. Em meio ao impasse em que nos encontramos, em meio à insegurança, medo, raiva, em meio a tudo isso, há iniciativas e esforços de partir da encruzilhada e buscar caminhos adequados. É verdade que são iniciativas isoladas, o todo da Igreja não está se movendo, nem é a maior parte, ao menos numericamente falando. Por outro lado, sabemos que as transformações muitas vezes começam pequenas e levam tempo.

No entanto, é minha opinião, já há mais tempo, que as iniciativas novas devem merecer maior atenção de parte da Igreja, da direção, dos pastores, das comunidades. Decidir-se por uma arrancada nova é penoso, vencer as barreiras na própria comunidade custa outro tanto de energias, ainda enfrentar indiferença ou desconfiança ou hostilidade e oposição de fora pode ir além das forças de um pastor, de um grupo de pastores de um grupo de pastores e leigos, de um grupo de leigos.

É importante termos consciência de que para nós pastores não é fácil nos decidirmos por um pastorado onde a nossa figura deixe de estar no centro dos acontecimentos, como atualmente ainda acontece largamente. Nossa estrutura na situação atual fomenta mais que outras estruturas a sensação de honra e poder. O pastor é indispensável, tem

mais oportunidade de falar que ouvir, há poucas possibilidades de ser contestado. Estas coisas provavelmente pesam mais do que a gente gostaria de admitir. Além disso, os pastores em geral têm formação para dar cultos, realizar ofícios e administrar sacramentos. Ali se sentem seguros. Outra concepção de pastorado é terra desconhecida e por isso provoca insegurança, medo e resistência.

Se a isso juntarmos que em larga escala a comunidade gosta de um pastorado onde o pastor tem a maior parte da responsabilidade, onde ele toma as decisões difíceis, um pastor que tem respostas para perguntas difíceis e que pode ser convocado a qualquer hora para prestar assistência religiosa, então uma mudança se torna mais difícil ainda.

Está claro que o pastor não se entrega totalmente de modo acríptico ao papel acima mencionado e que também na comunidade sempre de novo há forças vivas com espírito de serviço e engajamento. Mas é importante que tenhamos consciência de que ainda praticamos em larga escala a comunidade de atendimento. Isso pode nos ajudar a procurar caminhos adequados para sairmos dessa situação. Mas por causa do condicionamento e mentalidade do próprio pastor e por causa do condicionamento e mentalidade da comunidade é muito difícil começar a trilhar caminhos novos.

Quando, por isso, numa paróquia se tenta algo novo, muitas vezes as paróquias vizinhas se sentem ameaçadas. É uma reação natural. E é o que muitas vezes tem acontecido na IECLB. Quando nalgum lugar surge algo novo as maiores críticas se levantam na vizinhança. Mesmo se todos tivessem gostado de partir para uma etapa nova, quando alguém consegue partir, ele muitas vezes, embora não sempre, fica sozinho, seja um pastor, seja um grupo ou uma paróquia. O que um pastor, grupo, paróquia numa situação dessas precisa é diálogo fraterno, participação na busca, companhia na caminhada. Mas em geral isso acontece pouco.

O que torna a situação mais difícil ainda é que quase sempre novas iniciativas são unilaterais, parciais e oferecem muitas possibilidades de crítica, são fáceis de criticar, são realmente vulneráveis. Contudo, muitas vezes iniciativas novas têm que ser unilaterais e parciais, têm que começar num ponto, para então crescerem e se tornarem mais abrangentes. Esta é uma questão vital de pedagogia. Para isso é importante o diálogo fraterno, a companhia na caminhada, também quando se pensa diferente. Crítica severa e agressiva ou distanciamento frio podem ser fatais. Plantas pequenas não agüentam tempestades, nem que alguém pise em cima delas.

Ocorre-me a situação daqueles estudantes que no último semestre saíram de nossa Faculdade para uma experiência, a seu ver mais

desafiante e autêntica. Continuamos a discutir suas cartas e seus gestos, mas não nos ouço perguntar muito sobre como vão agora, o que estão fazendo. Estamos participando de sua caminhada, ao menos em nossas orações?

Na minha opinião, seria muito importante dar-se mais atenção a idéias novas, caminhos e experiências novas sempre quando surgirem em algum lugar. Seria importante para os que arriscam um passo adiante; tratar-se-ia de um estímulo, favoreceria o diálogo e seria importante para a própria Igreja, pois também ela obteria um estímulo e uma oportunidade de aprendizagem.

Lembro-me que ainda em 1970 pedi uma bolsa de estudos à Federação Luterana Mundial para visitar comunidades americanas e olhar mais de perto o trabalho de mordomia, trabalho de visitação, trabalho de leigos. Hoje eu acharia possível, e talvez preferível, que pastores ou leigos pedissem uma bolsa à Federação Luterana Mundial ou a outra entidade ou ainda a própria comunidade talvez pudesse assumir esse encargo -, e passassem um ou dois meses visitando comunidades aqui no Brasil, na IECLB ou fora dela. Há o que merece ser levado a sério. Pergunto-me até que ponto poderíamos ou deveríamos incluir esta perspectiva na nossa própria Faculdade.